

JOSÉ  
TOLENTINO  
MENDONÇA

**LIBERTAR**  
**◦ TEMPO**

PARA UMA ARTE ESPIRITUAL DO PRESENTE



## PREFÁCIO

É motivo de alegre e agradecida celebração a publicação de mais um livro de José Tolentino Mendonça em nosso país. Autor conhecido e querido por aqui, a publicação do precioso e adorável livro *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente* acrescenta um ponto a mais na urdidura multicolor de sua obra tão apreciada em terras brasileiras.

José Tolentino é padre, teólogo, biblista, escritor. E todas essas facetas de seu perfil e biografia podem ser nitidamente percebidas no livro que agora prefaciamos. O talento do escritor e a profundidade do pesquisador apaixonado dançam harmoniosamente em conjunto com a solicitude pastoral e o cuidado espiritual daqueles e daquelas que cruzam seu caminho.

É assim que o livro narra histórias, episódios, acontecimentos dos quais o autor mesmo é personagem e que afe-

taram seu coração, sua inteligência e sua pena. São trazidas igualmente figuras, pessoas, testemunhas que estimulam sua criatividade literária e embelezam sua narrativa.

O personagem central do livro é o tempo. Tempo, essa categoria que o Papa Francisco declarou uma e outra vez ser mais importante que o espaço. Tempo que na modernidade tardia em que vivemos é cada vez mais pressionado, urgido, desumanizado. Contra essa humanização do tempo escreve o autor este belo livro. Ou melhor, não tanto contra algo, mas a favor. A favor de uma arte espiritual: a de libertar o tempo da tirania “cronológica” para convertê-lo em *kairos* suave, profundo, pleno.

Nesse conjunto de reflexões densas e ao mesmo tempo leves, belas e agradáveis a leitores não acadêmicos ou versados nas ciências de qualquer tipo, o autor faz teologia. Uma teologia que ele mesmo adverte desde a introdução do volume desejar ser tecida por perguntas. Uma teologia que se abre para escutar as perguntas de cada tempo, de cada pessoa. Uma teologia que ao mesmo tempo interroga o tempo, pronta para construir-se em diálogo com este. Uma teologia que, fiel ao que pede o Papa Francisco, escape de sua autorreferencialidade e escute.

O autor batiza seu livro de “manual da arte de viver”. Impossível título mais adequado, nome mais propício e evocativo. Pois de arte se trata, do princípio ao fim. A arte

da vida, em seus diversos ângulos e variadas perspectivas. Assim saem da pena desse artista da palavra considerações sobre a lentidão, o não acabamento das tarefas, a gratidão, o perdão, a espera, o cuidado, a casa e a moradia, a contemplação e o olhar transfigurado, a perseverança, a compaixão, a alegria, o desvelo, a felicidade, a escuta do desejo, a morte, a ignorância.

Todas essas dimensões da vida que são muitas vezes como escolhos, pedras brutas onde se tropeça e resulta em ferida e chaga aparentemente incurável, são resgatadas paciente e belamente pelo autor, que as explora com sua linguagem poética e espiritual. Transfigura-se a pedra que revela aquele que é a pedra angular e redime-se o tempo com a doçura da sabedoria. Assim diz a Bíblia, da qual Tolentino é exímio conhecedor, sobre o sábio. É aquele que espera, que sofre o sofrimento, que exercita a paciência, que aceita não ver tudo, que convive com as perguntas, na escuta e no desejo do mistério.

Cerca-se o autor de uma nuvem de testemunhas, artistas do viver, que o acompanham amorosamente em sua mistagogia. Pelas páginas do livro desfilam heróis e heroínas, como Elie Wiesel, Simone Weil, Etty Hillesum; filósofos como Heidegger, Martin Buber, Kierkegaard e Levinas; teólogos como Tomás de Aquino; escritores como Milan Kundera; psicanalistas como Melanie Klein; poetas como

Rilke. E além disso os anônimos: uma amiga, um conhecido, alguém de quem ouviu falar. Pessoas. Seres humanos como ele, a quem se dirige no desejo de compartilhar sua sabedoria e sua arte.

Ao final, na segunda parte do livro, o autor sobe à montanha para proclamar novas bem-aventuranças. Seu destinatário é a família que hoje passa por tantas crises, mas que continua sendo o laboratório onde a vida se gesta e configura. Tolentino entende a família como comunidade em missão chamada à arte da hospitalidade, onde o afeto seja permanentemente criativo e eloquente, onde se pratique a gramática da gratuidade e a arte da lentidão. A casa deve ser o terreno das surpresas, onde se faz bom uso das crises e se pesquisa sem cessar a alegria.

Na arte de viver que este poeta sábio e cheio de espírito deseja ensinar, somos todos convidados a entrar por meio da pequena joia que é este livro. Desejo a todos e todas a mais prazerosa das leituras banhada pelo sentimento de sermos bem-aventurados por havermos recebido o dom da escuta, da palavra, da linguagem por onde o sopro divino circula.

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Teóloga, professora de Teologia Sistemático-pastoral da PUC-Rio,  
pesquisadora 1ª do CNPq.

## RESGATAR O TEMPO

Quem fez a primeira pergunta? Quem proferiu a primeira palavra? Quem chorou pela primeira vez? Por que é tão quente o sol? Por que se morre? Por que se ama? Por que há o som e o silêncio? Por que há o tempo? Por que há o espaço e o infinito? Por que existo eu? Por que existes tu? – um dia, a escritora Clarice Lispector criou uma lista interminável só com perguntas assim. Há um momento em que percebemos que as perguntas nos deixam mais perto do sentido, do aberto do sentido, do que as respostas. Que as respostas são úteis sim, que precisamos delas para continuar vivendo, mas que a vida transforma as próprias respostas em perguntas. E não perguntamos necessariamente por nos termos enganado ou por considerarmos insuficiente a experiência que fazemos. Há uma pergunta que brota da escassez e do desejo, mas há ou-

tra que nasce da plenitude. Como se a pergunta fosse o tracejado que liga o instante do agora àquilo que é desde sempre, e une a simples parte que enxergamos à totalidade que não chegamos a ver e da qual só nos podemos abeirar em interrogação e espanto.

“Eu sou uma pergunta”, dizia Clarice. Mesmo se vivemos rodeados de perguntas, as mais preciosas são, porventura, aquelas que em silêncio nos acompanham desde o princípio, aquelas que se confundem com o que somos, como o espinho no troço da rosa ou como a rosa que, sem sabermos como, floresce no cimo improvável daquela sucessão de espinhos. Deveríamos dedicar mais tempo a escutar essas perguntas que pulsam no nosso interior, tantas vezes atropeladas pela vertigem, omitidas pelo pragmatismo ou pelo medo, adiadas para um momento ideal que depois nunca é. De entre os défices que depois mais nos pesam, está essa carência de escuta interna, que evitamos por ser uma prática dolorosa, mas sem a qual também não conheceremos essa espécie de alegria irreprímível, à maneira da que se prova num parto.

A teologia mais útil é aquela tecida por perguntas. Uma teologia sobressaltada, revirada, esvaziada, ampliada, qualificada, iluminada pela força das perguntas que acolhe. O Papa Francisco tem razão ao lembrar que o grande

fracasso da teologia é a autorreferencialidade. A teologia não deve atravessar o tempo distribuindo mecanicamente respostas. A teologia é chamada a escutar a pergunta de cada tempo, de cada pessoa. É chamada a ampliá-la até o infinito. E a permanecer fiel aos pontos de partida. Um modo de libertar o tempo é também interrogá-lo.

Fico muito feliz com a publicação deste pequeno “manual da arte de viver” junto do público brasileiro, por quem o meu afeto tem crescido enormemente nos últimos anos. Desejaria muito que este volume fosse acolhido como etapa de uma relação dialógica, onde tenho aprendido tanto.

José Tolentino Mendonça





# PARTE 1

|

## A ARTE DA LENTIDÃO

TALVEZ PRECISEMOS voltar a essa arte tão humana que é a lentidão. Os nossos estilos de vida parecem irremediavelmente contaminados por uma pressão que não dominamos; não há tempo a perder; queremos alcançar as metas o mais rapidamente que formos capazes; os processos desgastam-nos, as perguntas atrasam-nos, os sentimentos são um puro desperdício: dizem-nos que temos de valorizar resultados, apenas resultados. À conta disso, os ritmos de atividade tornam-se impiedosamente inaturais.

Cada projeto que nos propõem é sempre mais absorvente e tem a ambição de sobrepor-se a tudo. Os horários avançam impondo um recuo da esfera privada. E mesmo estando aí, é necessário permanecer contatável e disponível a qualquer momento. Passamos a viver num *open space*,

sem paredes nem margens, sem dias diferentes dos outros, sem rituais reconfiguradores, num contínuo obsidiante, controlado ao minuto. Damos por nós ofegantes, fazendo por fazer, atropelados por agendas e jornadas sucessivas que nos fazem sentir que já amanhecemos atrasados. Deveríamos, contudo, refletir sobre o que perdemos, sobre o que vai ficando para trás, submerso ou em surdina, sobre o que deixamos de saber quando permitimos que a aceleração nos condicione desse modo. Com razão, num magnífico texto intitulado “A lentidão”, Milan Kundera escreve: “Quando as coisas acontecem depressa demais, ninguém pode ter certeza de nada, de coisa nenhuma, nem de si mesmo”. E explica, em seguida, que o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, enquanto o grau de velocidade é diretamente proporcional ao do esquecimento. Quer dizer: até a impressão de domínio das várias frentes, até essa empolgante sensação de onipotência que a pressa nos dá é fictícia. A pressa condena-nos ao esquecimento.

Passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informação que nunca chegamos a aprofundar. Tudo transita num galope ruidoso, veemente e efêmero. Na verdade, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver. Uma alternativa será resgatar